

CAPÍTULO I

A ÉPOCA

Foram tempos magníficos, foram tempos tenebrosos, foi a era da sabedoria, foi a era da estultícia, foi a época das convicções, foi a época da incredulidade, foi a idade da luz, foi a idade das trevas, foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, nada tínhamos diante de nós, íamos todos direitos para o Céu, íamos todos direitos em sentido contrário — em suma, aquela época assemelhava-se tanto à presente que algumas das suas eminências mais exuberantes insistiam que apenas a poderíamos adjectivar, para o bem ou para o mal, lançando mão do grau superlativo.

No trono de Inglaterra sentavam-se um rei de queixo saído e uma rainha de rosto feio; no trono de França sentavam-se um rei de queixo saído e uma rainha de rosto bonito¹. Em ambos os países, os senhores das reservas estatais de pães e de peixes tinham para si, como verdade cristalina, que as coisas em geral estavam assentes para todo o sempre.

Corria o ano do Senhor de mil e setecentos e setenta e cinco. Naquele tempo bafejado pela sorte, à imagem do presente, a Inglaterra foi cumulada com uma chuva de revelações espirituais. Mrs. Southcott² atingira havia pouco o seu abençoado vigésimo quinto aniversário, donzela esta de cuja sublime aparição se fizera arauto um praça dos Guardas de Corpo com dons proféticos, ao anunciar estarem em curso preparativos para que a terra engolisse Londres e Westminster. Até o fantasma de Cock Lane repousava em paz somente havia uma dúzia de anos, depois de transmitir as suas mensagens por meio de pancadinhas, assim como os espíritos deste último ano (sobrenaturalmente falhos de originalidade) transmitiram as suas³. Singelas mensagens respeitantes à ordem terrena dos acontecimentos tinham entretanto chegado à coroa e ao povo ingleses, da parte de uma assembleia de súbditos britânicos na América⁴: as quais, por muito estranho que pareça relatá-lo, vieram a revelar-se bem mais impor-

tantes para a raça humana do que todas as comunicações até hoje recebidas por intermédio de quaisquer galinhas da estirpe da Viela do Galaroz.

A França, geralmente menos favorecida quanto a matérias do foro espiritual do que a sua irmã do escudo e do tridente, resvalou com grande presteza pela encosta abaixo, imprimindo papel-moeda e gastando-o à larga. Sob a orientação dos seus pastores cristãos, entreteve-se, além do mais, com proezas tão piedosas como condenar um jovem à pena de lhe cortarem as mãos, lhe arrancarem a língua com tenazes e o queimarem vivo, como castigo por não se ter ajoelhado à chuva para prestar homenagem a uma suja procissão de monges que lhe passara diante dos olhos, à distância de uns cinquenta ou sessenta metros⁵. É bem provável que, enraizadas nas florestas de França ou da Noruega, crescessem, à data em que aquele pobre rapaz foi executado, árvores já marcadas por esse Lenhador, o Destino, para serem derrubadas e cortadas em tábuas, servindo de matéria-prima para o fabrico de uma certa armação desmontável contendo um saco e uma lâmina, terrível nos anais da história. É bem provável que, nos toscos barracões de alguns lavradores das terras férteis nas cercanias de Paris, estivessem naquele mesmo dia, abrigados das intempéries, carroções grosseiros salpicados de lama rústica, rodeados de porcos que lhes farejavam as tábuas e de galinhas que ali se empoleiravam, veículos estes que esse Rendeiro, a Morte, já designara para conduzir os condenados ao cadafalso durante a Revolução. Mas esse Lenhador e esse Rendeiro, embora trabalhem incessantemente, fazem-no em silêncio, e ninguém os ouviu enquanto eles se entregavam aos seus afazeres com passos abafados; tanto mais que aventar sequer a possibilidade de eles estarem acordados equivalia a ser apodado de ateu e traidor.

Em Inglaterra, o grau de ordem e de segurança reinante não dava azo a grandes motivos de orgulho nacional. Roubos audaciosos cometidos por homens armados e assaltos em plena estrada tinham lugar todas as noites na própria capital; havia avisos públicos às famílias para que não abandonassem a cidade sem fazerem transportar as suas mobílias para os armazéns de estofadores, em jeito de precaução; um salteador no escuro da noite convertia-se em comerciante da City à luz do dia, e, ao ver-se reconhecido e interpelado pelo seu parceiro de negócios a quem mandara parar, vestindo a pele de «Capitão», desfechou-lhe um tiro na cabeça com toda a galhardia e afastou-se a galope; sete bandidos armaram uma emboscada à mala-posta, e o guarda conseguiu matar três deles a tiro antes de ele próprio ser morto pelos outros quatro, «em resultado de se lhe terem acabado as munições»; os ladrões puderam então roubar a mala-posta à sua vontade; esse magnífico potentado, o Lord Mayor de Londres, foi intimado a dar a bolsa ou a vida em Turnham Green por um salteador que despojou a ilustre criatura à vista de todo o seu séquito; os presos nas

cadeias londrinas travavam batalhas com os seus carcereiros, e as autoridades competentes disparavam para o meio da mole humana bacamartes carregados com balas e chumbo grosso; em plena corte, nas salas de estar, ladrões subtraíam cruzeiras cravejadas de diamantes dos pescoços de lordes de sangue ilustre; um contingente de mosqueteiros entrou no bairro de St. Giles em busca de contrabando e a turba abriu fogo sobre os mosqueteiros, que, por sua vez, abriram fogo sobre a turba, e ninguém via em nenhuma destas ocorrências um acontecimento especialmente invulgar. No meio desta agitação, o carrasco, sempre atarefado e sempre pior do que inútil, via os seus serviços constantemente requisitados; ora punha o nó corredio ao pescoço de longas filas de criminosos dos mais variados géneros, ora enforcava no sábado um assaltante de casas que fora apanhado na terça-feira; ora marcava na mão com o ferro em brasa pessoas às dúzias em Newgate, ora queimava panfletos à porta do Palácio de Westminster; hoje tirava a vida a um assassino cruel, amanhã a um meliante de meia-tigela que roubara seis dinheiros a um moço de lavoura.

Todos estes acontecimentos, e mil e um outros semelhantes, decorreram e se abateram sobre o velho e saudoso ano de mil e setecentos e setenta e cinco. Por eles rodeados, enquanto o Lenhador e o Rendeiro trabalhavam em segredo, aqueles dois do queixo saído, e aquelas duas do rosto feio e do rosto belo, caminhavam em frente com grande espalhafato, erguendo bem ao alto o seu direito divino. E foi assim que o ano de mil e setecentos e setenta e cinco foi conduzindo estas figuras gradas, juntamente com miríades de criaturas menores — entre elas as que irão figurar nesta crónica —, ao longo das estradas que diante delas se estendiam.

CAPÍTULO II

A MALA-POSTA

Era a estrada de Dover que se estendia, numa noite de sexta-feira, em finais de Novembro, diante da primeira pessoa de quem esta história se irá ocupar. Para ser mais preciso, a estrada em questão estendia-se, no que a essa pessoa dizia respeito, e desde já acrescento que se tratava de um homem, para além da carruagem da mala-posta de Dover, no momento em que esta trepava a custo pela encosta de Shooter's Hill acima⁶. Ele ia subindo a ladeira pelo meio da lama, à ilharga da carruagem, tal como o resto dos passageiros; não porque qualquer um deles tivesse o mais pequeno gosto pelo exercício físico em tais circunstâncias, mas sim porque o declive, mais os arreios, mais a lama, mais o correio, eram tão extenuantes para os cavalos que estes já por três ocasiões tinham parado, além de terem atravessado a carruagem uma vez na estrada, determinados a amotinarem-se e a conduzirem-na de regresso a Blackheath. As rédeas e o chicote, o cocheiro e o guarda, porém, combinando esforços, tinham imposto a sua lei militar, interditando um propósito que, a ser levado avante, teria favorecido a tese de que certas bestas são dotadas de razão; e os animais, capitulando, retomaram a sua labuta.

De cabeças pendidas e caudas trémulas, avançavam a chapinhar na lama espessa, debatendo-se e tropeçando de quando em quando, como se estivessem a desconjuntar-se nas articulações mais grossas. De cada vez que o cocheiro os sossegava e os fazia parar, soltando um «Chó! Aí chó!» em tom cauteloso, o cavalo da sela da parelha dianteira abanava com violência a cabeça e tudo o que a cobria — qual um cavalo invulgarmente convicto, negando que fosse possível conduzir a carruagem até ao cume do monte. Sempre que o animal fazia este ruído, o passageiro era sacudido por um sobressalto, dir-se-ia um passageiro nervoso, e sentia o espírito perturbado.

Em todas as depressões havia uma neblina fumegante, que vagueara no seu desamparo pela encosta acima, qual espírito malfazejo em busca de

repouso, porém incapaz de o encontrar. Este nevoeiro, pegajoso e extremamente frio, ia avançando devagar através dos ares em pregas que visivelmente se seguiam e se sobrepunham umas às outras, tal como fariam as ondas de um oceano malsão. Era suficientemente denso para tudo ocultar da luz dos lampiões da carruagem, exceptuando estas suas evoluções e escassos metros de estrada; e o cheiro fétido dos cavalos extenuados coava-se para o seu seio em nuvens de vapor, como se tivessem sido os próprios animais a gerar toda aquela névoa.

Dois outros passageiros, além do já referido, caminhavam a custo pela encosta acima ao lado da mala-posta. Estavam os três agasalhados até às maçãs do rosto, de orelhas bem cobertas, e calçavam botas de cano alto. Nenhum dos três poderia ter referido, com base no que via, qual a aparência de qualquer um dos outros dois; e cada qual usava quase tantas cautelas para se ocultar aos olhos da mente dos seus dois companheiros como para se ocultar aos olhos do corpo destes. Naquele tempo, os viajantes abstinham-se de confidências junto de pessoas que haviam conhecido pouco antes, pois na estrada qualquer um podia ser um ladrão ou estar conluído com ladrões. Quanto a esta última circunstância, assumia quase foros de certeza, tendo em conta que em todas as estações de muda e tabernas era possível encontrar alguém a soldo do «Capitão», alguém que tanto podia ser o dono da casa como o mais insignificante moço de estrebaria. Era isto mesmo que o guarda da mala-posta de Dover estava a pensar com os seus botões naquela noite de sexta-feira de Novembro, no ano de mil e setecentos e setenta e cinco, enquanto a carruagem trepava a custo a encosta de Shooter's Hill, e ele, empoleirado no seu posto atrás dos sacos de correio, batia com os pés e mantinha o olho e a mão no baú das armas diante de si, onde um bacamarte carregado se encontrava em cima de seis ou oito pistolas de arção também carregadas, depostas sobre um substrato de espadins.

A mala-posta de Dover encontrava-se na sua agradável situação habitual, em que o guarda desconfiava dos passageiros, os passageiros desconfiavam uns dos outros e do guarda, todos desconfiavam uns dos outros, e o cocheiro não tinha certezas acerca de ninguém, mas apenas acerca dos cavalos, em relação aos quais não teria hesitado em jurar, com a consciência tranquila, sobre os dois Testamentos, que não estavam à altura de encetar aquela viagem.

— Aí chó! — exclamou o cocheiro. — Pronto, pronto! Mais um puxão e chegamos ao cabeço do outeiro, e prò diabo com vocês todos, que tanto me custou a tocar-vos pra diante! Joe!

— Olá! — replicou o guarda.

— Que horas tens, Joe?

— Passam uns bons dez minutos das onze.